

CÂNDIDO

#102 | JANEIRO DE 2020 candido.bpp.pr.gov.br

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ

CONVITE AO PRAZER

Ignorado pelas editoras brasileiras, o conceito de “livros de verão” movimenta o mercado de países com altos índices de leitura, que investem em títulos planejados para as férias

ILUSTRAÇÃO: BÁRBARA SCARAMBONE

DE ESCRITOR PARA ESCRITOR

DIVULGAÇÃO

AMILCAR BETTEGA

1 Feira do Livro de Porto Alegre, há muito tempo: lutando visivelmente contra a timidez, um jovem levantou a mão para fazer uma pergunta ao célebre escritor que acabara de palestrar sobre o seu ofício. Desejava saber que conselho o escritor poderia dar a alguém que quisesse escrever. “Desista enquanto é tempo”, foi a resposta, mais preocupada em arranjar alguns risos da plateia, me pareceu, do que em ser precisa ou, no mínimo, respeitosa.

2. Hoje talvez eu enxergasse numa resposta dessas um pouco mais do que o cinismo evidente do posudo escritor, quem sabe uma maneira (pouco gentil, é verdade) de se desvencilhar de uma questão impertinente.

3. Escrever é coisa muito pessoal, cada um tem um jeito de fazer, o que serve para mim pode não ter importância para você. Por isso, os conselhos para quem está começando a escrever são sempre meio inúteis e, às vezes, seguidos à risca, francamente prejudiciais.

4. Por isso, talvez o melhor seja: se quer escrever, bem, escreva! O que mais posso dizer? Escreva, comece. Só assim você vai descobrir o seu jeito. Na verdade, os escritores passam a vida tentando descobrir o seu próprio jeito de escrever. Seus livros são o resíduo desta tentativa.

5. Acho que por aí me aproximo de uma certa ideia do que pode ser (para mim) a escrita: uma busca, um

caminho, uma estrada, uma viagem. É no percurso que a coisa acontece. No percurso mesmo, e não através ou por causa dele. É pelo *durante* que eu, você, a gente pode chegar — se um dia se chega a alguma coisa. E aqui é preciso ser claro. Este “chegar a alguma coisa” não tem nada a ver com o fim, com o “onde” se propôs a chegar quando se iniciou a viagem. Porque, afinal, é isto que estou querendo dizer: escrever é tentar chegar, sabendo que o chegar não é importante.

6. Se o fim não importa, um dos caminhos mais fáceis para o equívoco é pensar a coisa em termos de tema. “Ah, vou escrever sobre isto, ou sobre aquilo.” Não. Cuidado com os textos *sobre* alguma coisa. E aqui eu já estou dando conselho, o que não me agrada, mas tudo bem, adiante: a questão é que quando o escritor escreve *sobre* algo, o principal já se perdeu. Perdeu-se antes mesmo de ter sido buscado.

7. Quem escreve sobre, pressupõe uma posição superior. Escreve de cima, de fora, faz tese. Quem escreve sobre, escreve para comprovar o que já sabe, ou para convencer o leitor da sua (do autor) verdade ou, na situação mais fraudulenta, para que o leitor reconheça a sua (do leitor) verdade, para que o leitor comprove o que ele próprio já sabia.

8. Não é possível trapacear na literatura. O que eu quero dizer com isto? Que fica muito evidente quando um escritor não está envolvido até a medula com o texto, quando ele joga



para a torcida (que pode ser o mercado ou a crítica ou a própria vaidade — a claqué é ampla), ou seja, quando ele está fora. Se o escritor não estiver inteiro ali dentro, o texto não tem verdade, ele não acontece. Claro que *estar inteiro* não tem nada a ver com contar a sua vida ou coisa deste tipo. Mas trazer a ficção desde dentro de si. O cérebro do escritor são suas entranhas.

9. E por aí chego em outro ponto que me parece importante: escrever ficção não é uma atividade puramente racional. Há uma (grande) parte de intuição (instinto) envolvida. Não basta o raciocínio lógico, as entediadas relações de causa e efeito. Na literatura o conhecimento não nos é dado por uma via racio-

nal — e neste “nos” estão incluídos leitor e escritor —, ao contrário, ela, a literatura, dá acesso a um tipo de conhecimento que não é alcançável pelas vias racionais. E ela só é justificável, só vai ser literatura, se oferecer este acesso.

10. Concordo, isto até pode parecer pouco claro, talvez até sem sentido. Mas é assim mesmo, as coisas que envolvem a escrita são bem pouco claras e, convenhamos, sem muito sentido. Afinal, por que alguém escreve se não tem ninguém pedindo ou esperando que ele escreva, se ninguém vai pagar pelo que escreve, se ninguém ou — no máximo — quase ninguém vai ler o que ele escreve?

11. Escreve-se por teimosia também. Então me parece que se alguém quer escrever, qualquer conselho que se dê será irrelevante. Quando, há muito tempo, numa Feira do Livro de Porto Alegre, perguntei a um célebre escritor o que ele poderia dizer a quem desejava escrever, talvez eu ainda não soubesse ou não tivesse consciência, mas ali já era certo que eu iria escrever. Tivesse o escritor dito “desista” ou “insista”, teria sido o mesmo. Cada um diz o que quiser, cada um ouve o que quer. ■

AMILCAR BETTEGA nasceu em São Gabriel (RS), em 1964. É autor dos livros de contos *Prosa Pequena* (2019), *Os Lados do Círculo* (2004, vencedor do Prêmio Portugal de Literatura — atual Oceanos), *Deixe o Quarto Como Está* (2002, ganhador do Açorianos de Literatura) e *O Voo do Trapezista* (1994).

CÂNDIDO

CÂNDIDO É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ



Governador do Estado do Paraná: **Carlos Massa Ratinho Junior**
Secretário da Comunicação Social e da Cultura: **Hudson José**
Diretora da Biblioteca Pública do Paraná: **Ilana Lerner**
Presidente da Associação dos Amigos da BPP: **Marta Sienna**
Editor: **Omar Godoy**
Redator: **João Lucas Dusi**
Estagiária: **Leticia Pille**
Projeto gráfico e design: **Thapcom**

Colaboradores desta edição:
Amílcar Bettega, André Rosa, Bárbara Scarambone, Bruno Marafago, Humberto Werneck, Irineo Baptista Netto, Luiz Rebinski, Marcelo Montenegro, Maria Fernanda Elias Maglio, Marília Kubota, Rodrigo Cunha, Sérgio Sant'Anna

Redação:
imprensa@bpp.pr.gov.br
(41) 3221-4974

Cândido pela internet:

📄 candido.bpp.pr.gov.br

📱 [/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)

A BPP divulga informações sobre serviços e toda a programação:

📄 bpp.pr.gov.br

📱 [bibliotecapcr](https://www.facebook.com/bibliotecapcr)

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
Rua Cândido Lopes, 133 | CEP: 80020-901 | Curitiba – PR
Horário de funcionamento
Segunda a sexta: 8h30 às 20h
Sábado: 8h30 às 13h

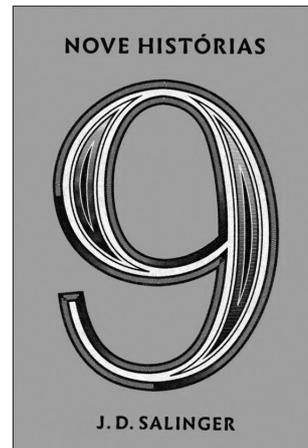
Todos os textos são de responsabilidade exclusiva dos autores e não expressam a opinião do jornal.

cândido indica

NOVE HISTÓRIAS

J. D. Salinger, *Todavia*, 2019
(Trad.: Caetano W. Galindo)

Apesar de ser mais conhecido pelo romance *O Apanhador no Campo de Centeio* (1951), o escritor norte-americano Jerome David Salinger teve sua literatura solidificada a partir da publicação destas *Nove Histórias*, em 1953, que acaba de ganhar uma nova tradução no Brasil. O conto de abertura, “Um Dia Perfeito Para Peixes-Banana”, apresenta o controverso Seymour Glass, uma das figuras centrais do universo ficcional de Salinger — composto por, além das obras já citadas, *Franny e Zooey* (1961) e *Pra Cima com a Viga, Carpinteiros & Seymour — Uma Introdução* (1963). Com relação às narrativas curtas, destacam-se os não ditos em diálogos que beiram o absurdo e a habilidade que o autor demonstra ao expor de maneira inusitada o que há de comecinho no cotidiano, explorando tanto a loucura de um soldado reformado quanto a busca pela iluminação por parte do pequeno Teddy.



O ROMANCE DA MINHA VIDA

Leonardo Padura, *Boitempo*, 2019
(Trad.: Monica Stahel)

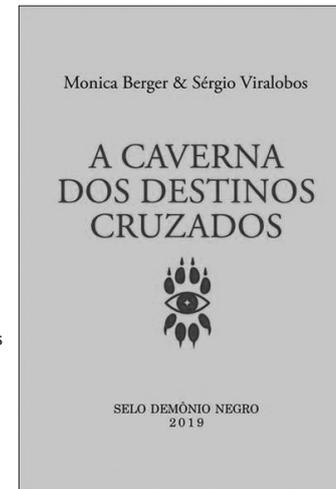
Após se envolver com o movimento de independência de Cuba, no século XIX, o poeta José María Heredia (1803-1839) é desterrado. Um século depois, os herdeiros do autor tentam resgatar sua autobiografia, chamada *O Romance da Minha Vida*, enquanto um grupo de escritores cubanos contemporâneos também acaba se envolvendo na história. A partir daí, a narrativa, com ênfase na trajetória de Fernando Terry, assume ares detetivescos e discute temas caros aos autores da América Latina, como o exílio, a traição e o anseio por esclarecer um passado sombrio — a exemplo do que o chileno Roberto Bolaño fez em *Os Detetives Selvagens* (2004) e *Amuleto* (1999).



A CAVERNA DOS DESTINOS CRUZADOS

Monica Berger e Sérgio Viralobos, *Selo Demônio Negro*, 2019

Em um mundo prestes a se autodestruir, um lobo e uma pantera passeiam pelos caminhos indicados por cartas de Tarô contemporâneas. Só que, longe das sugestões herméticas que esse jogo ancestral oferece aos curiosos por dar uma espiada em seus futuros, as cartas encontradas nesta obra trazem símbolos enraizados no imaginário popular — “A Torre”, por exemplo, é representada por uma imagem do atentado contra as Torres Gêmeas e “O Eremita” traz o rosto do psicanalista Sigmund Freud. Nessa jornada psicodélica em versos, inspirada em um trabalho do escritor Italo Calvino, o leitor passa das lendas hinduístas às mazelas do século XXI, em um longo poema repleto de analogias e metáforas.



CONTRA TODO ALEGADO ENDURECIMENTO DO CORAÇÃO

Fernando Abreu, *7Letras*, 2018

Brincando com as mais diversas temáticas, *Contra Todo Alegado Endurecimento do Coração* traça uma conversa sensível, e ao mesmo tempo importante, entre poeta e leitor. Fernando Abreu, em sua proposta de retratar coisas comuns, mergulha fundo na complexidade do que, à primeira vista, pode parecer simples. São 36 poemas, reunidos em uma narrativa que aborda desde “cotidianices”, como em “Para Jim Jarmusch”, até a metalinguagem, discutindo o próprio fazer poético.



Os livros comentados nesta seção estão disponíveis para empréstimo na Biblioteca Pública do Paraná. Todas as obras enviadas para a redação do Cândido são submetidas à avaliação e incorporadas ao acervo da BPP.

PENSATA

A coluna Pensata abre espaço para que autores, tradutores, jornalistas e pesquisadores reflitam sobre temas ligados à literatura, livro e leitura. Nesta edição, Luiz Rebinski sugere que uma voz literária própria pode se transformar em uma armadilha para o autor.

DUAS VOZES

LUIZ REBINSKI

A chamada voz própria é o que todo escritor almeja. Mais do que vendas, é o que um artista de verdade quer. É o que o crítico espera: encontrar um criador com dicção original para avaliá-lo. É o que todo leitor necessita, um autor singular para se deleitar. Muitos escritores conseguem, a esmagadora maioria não.

Mas quando esse brilho surge, a mágica acontece, o que fazer? Para um autor é como ganhar na loteria, só precisa administrar, continuar na mesma toada e receber os louros da glória. Será?

A voz literária, em muitos casos, pode se transformar em uma re-

ceita perigosa, que mantém o escritor enclausurado na própria criação. Vou dar o exemplo de dois autores de língua inglesa que admiro, mas que seguiram caminhos diferentes nessa questão.

O escocês Irvine Welsh virou uma celebridade literária em 1993, quando lançou um livro *underground* que já trazia estranheza no próprio título: *Trainspotting* (uma gíria intraduzível, algo como perder tempo com banalidades). O livro fez tanto sucesso que anos depois entrou em uma curiosa lista de títulos que os jovens britânicos mentiam já ter lido, mas que na verdade só haviam visto a adaptação do romance para o cine-

ma, dirigida por Danny Boyle (aliás, um grande filme). Ele estava ao lado de clássicos como *Dom Quixote*. Isso dá a dimensão de culto que o livro ganhou, ainda que por vias tortas no caso da pesquisa.

Com uma trupe encantadora de personagens (Renton, Sick Boy, Franco Begbie e Spud, entre outros), Welsh criou um verdadeiro livro geracional, com uma linguagem desabrida, que conjugava jogos de palavras, gírias, palavrões, cultura livresca e lixo midiático. Tudo embalado por drogas que davam sentido à vida de jovens da classe média baixa de Edimburgo, cenário do romance. Além disso, o livro trazia

uma espécie de manifesto contra a vida burguesa de classe média padrão (que é igual em todo lugar, seja em Curitiba ou Londres), que os personagens, todos à margem, lutavam contra. Então era muita coisa legal em um só livro, que teve o merecido sucesso.

Logo depois da apoteótica estreia, Welsh lançou livros de contos, novelas e outros romances. Todos reafirmando que ele realmente era um autor muito criativo e imaginativo. Mas nenhum dos livros tinha o brilho da estreia. Então, em 2002, o autor lançou uma sequência de *Trainspotting*. *Pornô* mostrava, 10 anos depois, o que tinha acontecido

BÁRBARA SCARAMBONE





com a turma de (ex) amigos. Para falar a verdade, acho esse calhamaço de quase 500 páginas melhor, em muitos sentidos, que a obra inicial. Welsh, mais experiente, amarra diversas histórias e personagens em uma narrativa vibrante e comovente. O mesmo acontece com *Skagboys*, lançado em 2012 (mais um ciclo de uma década), em que é mostrada a raiz dos problemas: como jovens promissores se transformaram em desajustados sociais convictos. O humor corrosivo e a linguagem ágil estão de volta, um tipo de narrativa moldada à imagem dos personagens de Welsh. Nem a grande extensão do romance é capaz de tirar o leitor do prumo.

Não que os outros livros do autor não tragam sua marca narrativa (o livro de contos *Se Você Gostou da Escola, Vai Adorar Trabalhar* tem excelentes momentos), mas ela é diluída em histórias que às vezes parecem distantes do *métier* do autor: é o caso de livros como *Crime*, que tem um policial escocês de férias na Flórida como protagonista (espécie de obra irmã de *Filth*, que virou filme), e *A Vida Sexual das Gêmeas Siamesas*, narrado na voz pouco convincente de uma mulher (apesar de a história ter algum brilho, mesmo sendo fantasiosa demais em muitos trechos).

Os romances mais recentes, que se passam em Miami, onde o

autor vive atualmente, são fracos em sua essência. Ou seja, o melhor de Welsh é quando ele retoma a turma do Leith, o bairro portuário onde se passa a trilogia iniciada com *Trainspotting*. Talvez não seja culpa de Welsh, pois ele até tenta outros caminhos, como o romance policial. Isso, portanto, pode ter mais a ver com a própria essência do autor.

Já o britânico Martin Amis tomou um rumo totalmente oposto em sua carreira. Desde a publicação de seu primeiro sucesso, o romance *Grana*, em que pela primeira vez se desgarrava da influência literária do pai, o também escritor Kingsley Amis, Martin vem construindo uma bibliografia marcada pela mudança constante de rota. Do hedonista e totalmente inescrupuloso John Self, protagonista de *Grana*, a Josef Stalin, no romance *Koba the Dread* (um de seus fracassos de crítica), ele se especializou em personagens complexos, experimentado formatos e temas de modo incessante. Nem mesmo a influência narrativa de seu mestre literário, Saul Bellow, se manteve firme diante da inquietação artística do inglês.

Em *A Informação*, um de seus melhores livros, ele se lança no caos pós-moderno, se aproximando da literatura de Don DeLillo, outro inquieto por natureza. A impressão que se tem é que Amis nunca quer se repetir, apesar de lidar com alguns temas recorrentes em sua obra, como sexo e política. Aliás, sua atuação como comentarista em jornais certamente dá a medida de que é um intelectual cujo campo de visão é amplo (mesmo que muitas de suas análises dividam opiniões).

Mas um dos livros mais representativos desse caleidoscópio criativo é o irreverente *Lionel Asbo — Estado da Inglaterra*, em que as veredas literárias de sua obra se encontram em um romance hilário, com o famoso humor inglês dando as caras na história de um *hooligan* (Lionel) acostumado a frequentar a cadeia. Inesperadamente, ele ganha na loteria e vê sua vida dar uma guinada grande, mas ainda assim insuficiente para mudar sua essência e de sua problemática família. Uma fábula moderna, cujo humor é o fio condutor para chegar a assuntos sérios. Algo que o próprio Irvine Welsh fez em seus melhores momentos. A diferença é que Amis encarnou a persona do escritor inquieto e ambicioso, enquanto Welsh tomava mais um *pint* em um *pub* do Leith. ■

 UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

HUMBERTO WERNECK



O cronista, biógrafo e colunista do *Estadão* Humberto Werneck foi o convidado do último encontro de 2019 do projeto Um Escritor na Biblioteca, realizado em novembro. Em conversa mediada pelo jornalista e tradutor Christian Schwartz, o escritor mineiro compartilhou histórias sobre alguns importantes nomes do universo literário brasileiro — entre eles Fernando Sabino, Otto Lara Resende e Clarice Lispector, responsável por lhe causar um “traumatismo ucraniano” durante uma entrevista que conduziu sem muito traquejo, no início de sua carreira como jornalista.

Apesar de ter enveredado pelo caminho do factual por “acidente”, pois o que aprecia mesmo é o “território da subjetividade e da impessoalidade”, o autor da biografia *O Santo Sujo — A Vida de Jayme Ovalle* (2008) acabou achando seu espaço na crônica. Aficionado por esse gênero literário, Werneck já organizou várias coletâneas, como *Bom Dia para Nascer* (2011), que reúne as crônicas de Lara Resende publicadas na *Folha de S.Paulo*, e o terceiro volume da série *Boa Companhia* (2005), com textos de gente do calibre de Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Xico Sá, Rachel de Queiroz, entre outros. “O bom cronista me dá a sensação de estar sentado do meu lado me falando uma coisa”, diz.

ENCONTRO COM SABINO

Comecei minha vida de leitor erratically. Meus pais providenciavam coleções, compravam Dostoiévski, Machado de Assis... Mas não havia uma orientação literária. Aos 12 anos, conheci um livro importante — *O Encontro Marcado*, de Fernando Sabino. Fernando, para mim, era o irmão do Gerson Sabino, técnico de basquete do meu pai no

Minas Tênis Clube, vizinho nosso. E de repente aquela cara escrevia. “Sim, ele escreve”, me disse um colega no colégio. “E tem sacanagem no livro.” Dei um jeito de pegar emprestado e realmente tinha sacanagem. Voltei a essa obra várias vezes com outros intuitos, e ela sempre me deu alguma coisa. Uma delas foi a citação borbulhante de autores. Eu encontrava um nome, por exemplo, Miguel de Unamuno (filósofo espanhol), e lá ia eu correndo para a Biblioteca Pública e desandava a ler coisas.

ESCRITORES ACESSÍVEIS

Um dos primeiros autores que procurei foi um poeta chamado Abgar Renault, o primeiro escritor que vi em carne viva. Ele usava um chapéu, e eu achava que escritor era um pouco isso, até porque os livros no colégio eram antologias de gente muito velha. O que tinha de defunto... O cara mais jovem era o Mário de Andrade. E, aí, houve um fenômeno: em 1960, quando eu tinha 15 anos, o Rubem Braga e o Fernando Sabino criaram a Editora do Autor para se publicarem e publicarem os amigos. Você tinha *O Cego de Ipanema*, *O Homem Nu*, *A Mulher do Vizinho*, *Ai de ti*, *Copacabana*. Aquelas coisas chegavam na praça, os autores iam lá lançar livros, era um epifania. Além de escritores, eles eram acessíveis. Lembro do Sabino andando de mocassim sem meia, e isso em Belo Horizonte era pouco menos do que um pecado mortal. Eram pessoas com quem se podia conversar, trocar duas palavras, e professores de colégio começaram a dar esses livros como leitura para os alunos. Tinham essas coisas que estabeleciam uma relação na cabecinha da gente — que a literatura estava ligada com a vida.

UM CONTO MARAVILHOSO

Na faculdade é que vim a conhecer pessoas do meio — gente do teatro, cinema, conheci o Sérgio Sant’Anna, que era meu vizinho, Francisco Rezek. E elas te apresentavam coisas, te levavam para outros meios. Havia em Belo Horizonte um concurso de contos da prefeitura, resolvi entrar. Escrevi um conto que achava o máximo. E como faltavam três dias para encerrar as inscrições, mandei um outro junto. Ganhei primeiro e segundo lugar. O tal texto maravilhoso, que agora tenho horror só de lembrar, tirou segundo. Me lembro que eu achava que a literatura era feita com palavras bonitas, e usei uma expressão que me persegue até hoje — era um sol que batia num teto e “esplendia em iridescências feéricas”. Bem mais tarde, conheci umas pessoas na faculdade e falaram: “Ah, você é o cara da iridescência feérica!”. E fiquei sendo.

JAYME OVALLE

Quando comecei a frequentar a Biblioteca, uma das coisas que procurei, inutilmente, foi Jayme Ovalle. Eu tinha lido um livro chamado *Duas Faces*, de dois então jovens autores, Silviano Santiago e Ivan Ângelo. Ângelo foi para mim, e segue sendo até hoje, uma estrela. Eu o lia na imprensa de Belo Horizonte, e quando saiu esse livro tinha um conto cuja epígrafe dizia assim: “O suicídio é um ato de publicidade. A publicidade do desespero — Jayme Ovalle”. Gosto muito de frases. Mas não existia Jayme Ovalle, não tinha em lugar nenhum. Você olhava nas enciclopédias, zero. Já era um aviso para mim de que ele era um cara na beirada, um solzinho lá adiante, cuja luz vinha iluminar aqui. Mas o sol mesmo você não achava. Aí, cá numa enorme mitologia que existia em torno dele. Falavam que o Jayme Ovalle era um cara que não publicou, mas deixou uns baús cheios de poemas. E fui acreditando nas histórias. Bem mais adiante, ainda com pouquíssima informação, ganhei uma bolsa da Fundação Vitae para fazer uma biografia. Em seguida, descobri que não tinha baú nenhum. Não tinha uma mísera mochila, nada, zero.

ARTISTA SEM OBRA

Quando fui aos Estados Unidos falar com a mulher do Jayme Ovalle, que era uma escritora americana, ela deu uma gargalhada quando perguntei o que ele lia — jornal e a *Bíblia*, só isso. Lia a *Bíblia*, aliás, comentando. Deus falava um negócio e ele anotava: “Isso aqui é bom, hein?!” em uma relação muito pessoal com Deus. Quando brigava com Deus — e acontecia —, virava o crucifixo ao contrário na parede. Mas a viúva dele me mostrou uns bilhetinhos, galanteios, que ele tinha mandado pra ela com uma letra crispada, parecia um eletrocardiogra-

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

ma. Era uma letra de alguém que não escrevia. Ele era um grande artista, não tenho dúvida, um cara entupido de arte. Mas não tinha os meios para botar isso para fora.

PÁSSARO BOBO

Jayme Ovalle viveu oito anos fora do Brasil. A vida dele é completamente peculiar. O pai era um chileno que foi fazer dinheiro na Amazônia e perdeu tudo no jogo. Uma das irmãs, Leolina, se casou com o filho do Marechal Hermes da Fonseca, que era Presidente da República, então a família toda desceu de Belém e foi para o Rio morar no palácio. E ele acabou conseguindo, por via familiar, um emprego. Foi funcionário da alfândega, dos mais altos, e nisso conseguiu sair do Brasil. Passou quatro anos em Londres, mais tarde outros quatro em Nova York. E lá, sempre se ligava a mulheres com variados interesses — um deles, no caso das gringas, era que elas captassem o que ele tinha para dizer, que era difícil para ele até em português. Em Londres, uma dessas namoradas, a tal da Guinguinha, conseguiu passar para o inglês o poema “Foolish Bird” — “Pássaro Bobo”. Com a segunda mulher foi mais sério. No final da vida, ele falou: “Vou te dar esse livro para você fazer ele para mim, mas você vai esperar que eu morra. Porque se você começar a fazer comigo em vida, vou morrer”. E ela de fato esperou ele morrer, e fez um livro que se chama *Brazil Genesis*. Ela fala: “Esse é um livro que Jayme Ovalle poderia ter escrito, se ele pudesse escrever”. Então era uma coisa muito dramática, e para mim isso passou a ser a coisa interessante da biografia: como um artista sem obra pode influenciar

tantos outros? Estou falando de Vinícius, Sabino, Drummond, Dante Milano. Se sou Carlos Drummond de Andrade, é fatal que eu vá influenciar um monte de pessoas. Mas um cara sem obra, como é? Ele era um cara que, quando abria a boca, você não sabia se ele conseguiria terminar a frase, ele não tinha uma capacidade de encantar muito, não. A obra-prima dele é uma música chamada “Azulão”. Essa música é tipo “Parabéns pra Você”. Sabe aquela coisa que você acha que ninguém compôs, que existe desde sempre? Essa “Azulão” são 16 compassos, é uma miniatura, você nunca ouve aquilo cantado de uma vez de tão miudinho.

CAUSOS #1

Jayme Ovalle morreu com 61 anos, mas era um velho vocacional. Acho que ele nasceu velho — usava monóculo quando ninguém mais usava. O Fernando Sabino conta que, nos anos 1940, eles conviveram em Nova York e estavam um dia no Central Park, tinha um laguinho, umas focas, e o Jayme Ovalle ficou deslumbrado. Aí, chegou uma conhecida, deu um tapa nas costas dele, o monóculo voou, caiu no lago, e ele nem se voltou. Enfiou a mão no bolso e tirou um outro, aquela lente toda cheia de impressão digital, tudo engordurado.

CAUSOS #2

Ele trabalhava numa daquelas torres do Rockefeller Center e um dia ligou para o Fernando Sabino: “Eu tô no céu, eu tô no céu” — estava com as janelas abertas e uma nuvem entrou. Ele era um cara que soltava pepitas de ouro verbais, fruto de uma mistura espiritual e intelectual, que juntava



uma religião muito própria com visões. Ovalle certamente se perdeu por falta de alguém que “catasse” aquelas joias.

CAUSOS #3

Um dia passou Manuel Bandeira num café e o Ovalle tava ali elucubrando uma teoria de divisão dos seres humanos em cinco categorias. Uma categoria, por exemplo, era o Exército do Pará — esses homenzinhos que descem impetuosos para vencer na capital do país, que era o Rio de Janeiro. Tinham os “Dantas”, os “Mozartlescos”, os “Onésimos” e os “Kernianos”. Bandeira ficou encantado com aquilo e fez uma crônica, que se chama “A Nova Gnomonia”, e isso, que era uma brincadeira, virou modismo para muitos escritores. O Antonio Candido uma vez me contou que passava madrugadas bebendo uísque com Sérgio Buarque de Holanda, conversando. Gente, Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda a discutir se fulano de tal era “Onésimo” ou “Kerniano”. Isso foi longe, teve vários desdobramentos. Na minha biografia sobre Oval-



le [*O Santo Sujo*], tem um capítulo em que tentei reunir tudo o que foi feito a respeito. E houve alguém que criou uma teoria suplementar, como se fosse uma PEC, registrando também os casos em que há um trânsito de uma categoria para outra. Eu, por exemplo, sou “Kerniano”, mas tenho meus momentos “Mozarlescos” de chorar no cinema.

ENCANTO PELA CRÔNICA

Sempre fui encantado pela crônica, desde sempre. E sempre me chateou um pouco esse certo desprezo da academia em relação a esse gênero. Acho uma bobagem ficar brigando com isso. O Antonio Candido tem “A Vida ao Rés do Chão”, que já diz tudo,

porque o rés do chão é o lugar por onde você entra. Muita gente entra no gosto pela literatura pela porta generosa da crônica. Ela tem uma coisa toda pessoal, tem uma pegada, um descompromisso, um jeito de conversa. A boa crônica brasileira vai por aí. E para o desgosto de inimigos da crônica, você vê muito romance laboriosamente escrito durante anos e anos que desaparece. Aí, você pega uma crônica de Rubem Braga, “Viúva na Praia”, que é uma coisa que foi escrita — como se diz no vocabulário das redações — “com bafo na nuca”, ou seja, na pressão do *deadline*, e o cara fez, ainda assim, um palmo de prosa que você lê hoje e não tem uma ruga, não envelheceu, continua falando para o leitor muito mais do que uma obra feita com uma pretensão maior.

O BOM CRONISTA

Leio e tiro proveito de bons cronistas. Mas aquilo para mim é o seguinte: o cara está ali em cima de um caixotinho, falando uma coisa e eu estou aprendendo. O

cronista, ao contrário, é um cara que está no mesmo rés do chão. Ele está no meio-fio. Você tem uma sensação de que aquilo que está lendo está sendo feito sob o seu olhar, como se fosse uma coisa para você. Observe como as pessoas falam “Ah, o meu cronista”. Elas sentem como um patrimônio não só intelectual, mas sentimental também. O bom cronista me dá a sensação de estar sentado do meu lado me falando uma coisa. E essa coisa, às vezes, quando você acaba de ler, encantado, você vai contar para alguém e não consegue. Porque aquilo tem que ser contado daquela exata maneira, com todas aquelas palavras. Ou seja, ao contrário do que acontece na coluna utilitária do jornal, que tem na palavra o meio de dizer algo, ali é o fim em si. E quando a palavra é tão ou mais importante do que a coisa que está sendo dita, nós estamos diante de uma coisa chamada arte.

OTTO

Otto Lara Resende foi um grande farol na minha vida. Tive o privilégio enorme de que esses caras tenham dado uma colher para quem era jovem — como eu — na época. Tenho um monte de cartas dele. Às vezes ele lia uma matéria minha e fazia uns comentários, e a partir dos comentários ele dava uma divagada e ia longuíssimo, era um grande conversador. Foi pedido ao Otto que lesse os originais do meu livro *Desatino da Rapaziada*, para ele fazer um prefácio. Tenho na minha casa um desses *prints*, anotado página por página — uma aula de bem escrever. As correções que ele fazia, os pitacos que ele dava e também umas deliradas. Ele saía por uma tangente e quando eu olhava ele esta-

UM ESCRITOR na BIBLIOTECA

va longe, contando uma outra história. Ele era um cara muito rápido no raciocínio, tinha uma graça enorme e era maldoso. Eu lembro que uma vez, conversando, ele jogava umas farpas no Fernando Sabino. Eu falava: “Pô, mas o Fernando publicou o primeiro conto com 12 anos, precoce...”. “É, Fernando era precoce mesmo. E continua.” O Otto tinha essa coisa. Uma vez ele fez um comentário sangrento a respeito do Nascimento Brito, que era o dono do *Jornal do Brasil*. Eles brigavam, se amavam e se odiavam ao mesmo tempo. E teve um momento em que o Nascimento teve um derrame, e derramado ficou — com um lado meio paralisado. O Otto falou: “Agora a gente sabe que ele tem um lado bom”.

SUJEITO SOLAR

A crônica do Otto é diferente da crônica da maioria. Ela é muito impregnada de jornalismo, mas tem um jeito não-jornalístico de abordar as coisas. Ele tinha esse negócio na *Folha*, que eu não consigo nem imaginar o que seria, que é a crônica diária. Você tinha aquela página dois — de uma gravidade enorme, engravatada. E, de repente, naquele espacinho lá de baixo, entra o Otto Lara Resende. E aquilo era como se fosse um baixo de porta através do qual entrava uma luz fortíssima. O Otto foi a maior sensação da imprensa brasileira naquele tempo. Na conversa era uma coisa inigualável, era um sujeito solar, brilhante. E a ficção do Otto, que é preciosa, é uma coisa soturna, sombria, cheia de teia de aranha, de rato, um mundo tenebroso. Tem aquele livro dele, *Boca do Inferno*, sobre a infância



vista não como uma fase idílica, mas a criança já com toda maldade nela.

“DESPIORAR”

O Otto era um obcecado com a coisa da linguagem. Tem gente que acha que “escreveu, está escrito”. Já eu acho isso algo um pouco escatológico, até — você fez e tá feito. Tiro o chapéu para artistas que ficam retocando uma coisa. Eu falei: “O que você está mexendo nesse romance maravilhoso?”. “Eu tô ‘despiorando’.” E peguei para mim esse verbo, “despiorar”. Ele morreu em dezembro de 1992. Em maio me mandou o último livro dele, que foi organizado aqui, por um grande amigo, Dalton Trevisan, *O Elo Partido*. Recebo lá esse livro, recém-saído da máquina, estou folheando — e tinha um entrelinhamento muito mesquinho, aquela coisa apertadinha — e quando olhei tinha umas garatujas entre duas linhas. O livro mal saiu da máquina e o Otto estava ali, “despiorando”.

VERTIGEM DE SOBRELOJA

Nas minhas crônicas não me sinto um personagem, mas falo, às vezes, de experiências. Até dos desastres — e sou um grande colecionador de desastres pessoais. Eu trabalhava com o Murilo Rubião no *Suplemento Literário de Minas Gerais*, e ele falou: “Olha, está em Belo Horizonte a Clarice Lispector, então vá lá, manda um beijo meu e pede colaboração para o *Suplemento*”. Clarice era uma grande escritora e eu a lia, e leri sempre. Mas eu era também um escritor, então estava eu e Clarice ali, pertencendo à mesma coisa. Tentei criar uma expressão para isso, “vertigem de sobreloja”. Você, quando chega nas culminâncias do Edifício Itália, em São Paulo, ou no Empire State Building, subiu tanto que tem direito à vertigem de altura. E tem gente que mal chegou na sobreloja, subiu aquele lancezinho de escada só, e já está gastando por conta. Eu chamo isso de vertigem de sobreloja. Pois bem, cheguei para en-

trevistá-la e falei “Oh, Clarice”. “Oh, Clarice!”, olha só. Ela virou, aquela mulher belíssima, mas irascível, parecia um cacto, e tinha uma voz rascante que não sei reproduzir. “Olha, Murilo Rubião te mandou um beijo.” “Ah, eu gosto muito de Murrilo.” “Pois é, e a gente gostaria que você — eu ainda tava no você — colaborasse no *Suplemento*.” “Vocês pagam? Eu estou muito pobrrre.” Aí, caí em mim. Porque a gente pagava, sim. O Murilo achava que era um ponto de honra. E a gente pagava — não lembro que moeda era aquela — dez dinheiros. Eu ganhava 400 dinheiros, e ia pagar para a Clarice Lispector um quadragésimo do que eu ganhava? Meu Deus! Falei: “A senhora — aí já passei para senhora — poderia nos conceder uma entrevista?”. Concordou.

TRAUMATISMO UCRANIANO

Eu nunca tinha feito uma entrevista, ou tinha feito uma, na improvisação total. E não conhecia uma coisa chamada edição, que é o que dá sentido ao material. Eu achava — para você ver como a gente pode ser idiota — que a entrevista que lia no jornal tinha transcorrido na vida real exatamente daquele jeito. Aí fui me preparar, li correndo um camarada que falava de *A Paixão Segundo G.H.* e dizia: “Isso não é um romance”. Primeira pergunta para Clarice Lispector: “*A Paixão Segundo G.H.*, não sendo um romance...” “Como não é um romance?”, e surtou para cima de mim. Alguém teve a maldade de fazer uma foto deste momento, que está na internet, inclusive. A Clarice está olhando para mim com uma cara de nojo, como ela não olhava nem para aque-



la barata do romance. E eu estou assim, em posição fetal, querendo voltar para o útero da minha mãe e nunca mais sair. Fiquei arrasado, nem sei como consegui tocar a entrevista. E no final, eu tinha levado meu exemplar de *A Maçã no Escuro*, peguei o livro. “Será que a senhora pode me dar um autógrafa?” “Mas eu não tenho caneta.” Meti a mão no bolso e, de maneira automática, tirei uma canetinha que tinha comprado num quiosque qualquer, uma caneta esferográfica vagabunda. Mas tinha um detalhe: a tinta era lilás. Eu achava aquilo o máximo, toda vez que eu ia escrever alguma coisa eu pegava aquela caneta, como se estivesse guardando para escrever a minha grande obra. Ou minhas últi-

mas palavras. E pá, entreguei a minha caneta para Clarice, ela faz a dedicatória com a letra meio assim, e no final me devolveu o livro, pegou a caneta e falou: “Posso ficar prrra mim?”. Aqui tem um salto no tempo. Em 2004, quando o Chico Buarque fez 60 anos — ela era apaixonada pelo Chico —, fez-se uma exposição no Sesc Pinheiros e fizeram um catálogo enorme. E eu estou lá folheando o catálogo, de repente dou de cara com a reprodução de um bilhete datilografado da Clarice para o Chico. Aliás, não era Chico Buarque, era Chik Buark, com “k”, assinado com a tinta lilás... Conteí essa história longa numa crônica e escrevi: “Essa tinta é a minha chance de entrar na literatura brasileira”, e dei o

nome de “Meu Traumatismo Ucrainiano” — a nacionalidade dela.

JORNALISTA ACIDENTAL

Antes de ser um jornalista apaixonado, sou um jornalista acidental. Meu negócio era fazer ficção. Eu fiz um livro chamado *Primeiro Movimento*, mas, quando saiu da minha mão, desabei. Pensei: “Não sou Tolstói” — e retirei o livro da gráfica. Me demiti da literatura, fui ser jornalista. E fiquei com uma certa amargura daquilo. Quando fiz 60 anos, que é uma coisa que não recomendo a ninguém, resolvi publicar o livro. Eram 11 contos, joguei dois fora — os tais lá do concurso — e fiz uma nota explicando, contando essa história, dizendo que faltou publicar. A literatura não perdeu nada, mas

eu perdi. Porque você tem que completar o gesto. Isso é uma coisa que conto porque, para quem está começando na literatura, é importante. O francês tem o verbo *délivrer* — fazer uma entrega. Então acho que eu precisava “delivrar”, botar o livro para fora, livrar-me do livro. Senão o livro te persegue. Precisei fazer todo esse percurso, reagi instintivamente ao medo dos poderes da criação artística. Se é para valer, se você está inteiro na experiência de escrever, coisas suas que você não sabe sairão. Fernando Sabino dizia: “O escritor de ficção escreve não porque ele sabe, ele escreve para ficar sabendo”. E, na releitura dos meus contos, levei verdadeiros tapas na cara. Tinha personagens que eram eu, e ninguém jamais me tratou de maneira mais cruel do que eu me tratava ali naqueles contos. Confusamente, senti que tinha na criação literária uma coisa diferente de você fazer um negócio, vender, fazer sucesso... Você escreve para você, no fundo. Senão não vale a pena escrever, tem que ser uma experiência radical. Fui jornalista, mas sempre com uma preocupação com o texto, com a qualidade, funcionalidade — o que, aliás, me levou a fazer esse repertório de lugares comuns. E percebi que comecei a soltar uma discreta franga literária na produção jornalística. O jornalismo é muito bom para quem escreve, mas só até certo ponto. De repente você olha para o conto que está fazendo, e ele é um conto meio “materioso”. No caso da crônica, por exemplo, é o oposto do jornalismo. Porque o jornalismo tem que ser objetivo e impessoal, a crônica não. A crônica é o território da subjetividade e da impessoalidade. ■

CAPA

LIVROS DA ESTAÇÃO

DIVULGAÇÃO



Lucia Berlin ganhou notoriedade no Brasil com os contos de *Manual da Faxineira* (2017)

Complexas, leves ou simplesmente divertidas, as leituras de verão são uma tradição em países como França, EUA e Inglaterra. O jornalista e tradutor Irinêo Baptista Netto explica esse conceito e elabora uma lista com alguns títulos recentes que podem melhorar a temporada

Janeiro funciona como um entreato. É o intervalo entre um ano que acabou e outro que começa (mas que só vai começar *mesmo* quando? Em meados de fevereiro? Ou depois ainda?). Nesses dias, tão importante para mim quanto decidir o que fazer da vida — se consigo viajar ou fico em casa, se resolvo pendên-

cias ou procuro descansar —, é decidir o que vou ler.

Como leio bastante por obrigação no trabalho, dou valor às chances que tenho de ler por prazer. Gosto de me planejar para elas, como alguém que organiza um roteiro de viagem, escolhendo os pontos que quer visitar, os museus e os passeios.

Troquei uma ideia com amigos e conhecidos para saber se essa disposição era mais ou menos comum entre pessoas que gostam de ler e descobri que muitos não se preocupam como eu. Imagino que continuam com os livros que estavam lendo, ou começam novos livros, sem avaliar tema, autor, ou número de páginas.

Uma parcela pequena, com a qual me identifico, analisa os cenários possíveis e se deixa levar por desejos incomuns como encarar um romance de mil páginas (*Cidade em Chamas*, de Garth Risk Hallberg) ou enfim ler aquela coletânea de contos que passou tempo demais na fila (*Manual da Faxineira*, de Lucia Berlin). Outros buscam o conforto de personagens queridos (o delegado Espinosa, dos romances policiais de Luiz Alfredo Garcia-Roza) e evitam temas pesados para não estragar o período de descanso e relaxamento.

Do ponto de vista comercial, o mercado editorial do Brasil ignora as férias de verão. Na prática, as editoras também entram numa espécie de recesso e o número de lançamentos diminui bastante ou vai a zero. A revista *Quatro Cinco Um*, a única do país especializada em livros, não circula nos meses de janeiro e fevereiro. E aqui não se fala em “leituras de verão”, refletindo talvez a indisposição dos brasileiros para ler qualquer coisa quando está no calor, de férias ou de folga.

Na França, nos Estados Unidos e no Reino Unido, países que leem mais e com um mercado livreiro mais robusto, as editoras se preparam para tirar o máximo proveito do período, que para elas ocorre entre junho e agosto.

Os franceses chamam as publicações planejadas para as férias de *livres d'été* (livros de verão). Os americanos e os britânicos falam em *summer reading* (leituras de verão) ou *summer books* (como os franceses). Porém, a ideia é a mesma: aproveitar o verão, com ou sem férias, para ler alguns livros legais.

Mas o que é um livro legal para o verão? Bom, cada país tem uma resposta diferente para essa pergunta.

OS COMPLEXOS

Se não me engano, é no romance *Plataforma*, de Michel Houellebecq, que um personagem leva para a praia um livro do austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951). O exemplo reforça o clichê: acham que todo francês é intelectual, do tipo que não vê problema nenhum em deitar na areia sob o sol lendo textos filosóficos barra-pesada.

A realidade não fica muito longe da ficção (e do clichê). De acordo com uma pesquisa do Centro Nacional do Livro com o Instituto Ipsos, 91% dos franceses se declaram leitores. O francês lê em média 22 livros por ano. (A mais recente pesquisa *Retratos de Leitura*, de 2016, diz que a média do brasileiro é de menos de três obras lidas, integralmente, por ano.)

É estranho que alguém encarasse como entretenimento um livro sobre sexualidade escrito por Michel Foucault (1926-1984) ou ensaios so-

bre a morte assinados por Elias Canetti (1905-1994), mas eles estão nas sugestões do jornal *Le Monde* para o verão.

O jornal francês indica também romances e vários deles são traduções — como *A Uruguiaia*, do argentino Pedro Mairal —, mas passa longe dos livros de gênero, mais populares e de leitura fácil.

OS SIMPLES

Os americanos não têm fama de intelectuais, mas leem 12 livros, em média, por ano. O mercado livreiro nos Estados Unidos é um negócio de muitos bilhões de dólares: US\$ 25,8 bilhões em 2018, segundo o levantamento anual da StatShot, o equivalente a mais de R\$ 100 bilhões. Para se ter uma ideia, no mesmo período, o mercado editorial brasileiro faturou pouco mais de R\$ 5 bilhões.

Também por causa de todo esse dinheiro, o meio editorial americano acaba sendo muito especializado, com um grande número de publicações dedicadas a assuntos mais ou menos incomuns.

Quando sugeri suas leituras de verão, em 2018, o jornal *The New York Times* trabalhou com gêneros mais divertidos e evitou títulos que poderiam ser considerados cerebrais de alguma forma. (Os livros sugeridos pelo diário nova-iorquino ainda não saíram no Brasil e acho difícil que saiam, por serem de uma especificidade quase absurda. Então os títulos em português citados aqui são traduções livres.) Em meio às dicas estão relatos de viagem sobre a Rússia, a Turquia e Paris; livros de culinária com nomes engraçados como *Amor e Limões Todos os Dias* e *Felicidade é Usar o Forno*; e outros sobre jardinagem tão básicos quanto *Passo a Passo do Jardineiro Iniciante*.

CAPA

Do gênero romance, eles indicam só alguns de terror e de ficção científica, mas nenhum autor muito conhecido — nada de Stephen King, por exemplo. A lista termina com títulos sobre música (destaque para a biografia do grupo Crosby, Stills, Nash & Young) e esportes (um livro fala de estádios de beisebol, outro trata de uma partida histórica entre o Baltimore Orioles e o Chicago White Sox, temas exóticos para um brasileiro que não sabe nada de beisebol).

É como se a noção do livro como forma de entretenimento fosse mais difundida nos Estados Unidos do que em outros lugares.

OS MODERADOS

A julgar pelas indicações de verão do jornal *The Guardian*, os britânicos são um meio-termo simpático entre o gosto francês e o americano. Eles leem 12 livros por ano, segundo uma pesquisa de 2018 feita pelo instituto YouGov. Contudo, o levantamento considera apenas as leituras por prazer (e não existem dados recentes sobre o número de obras lidas por obrigação).

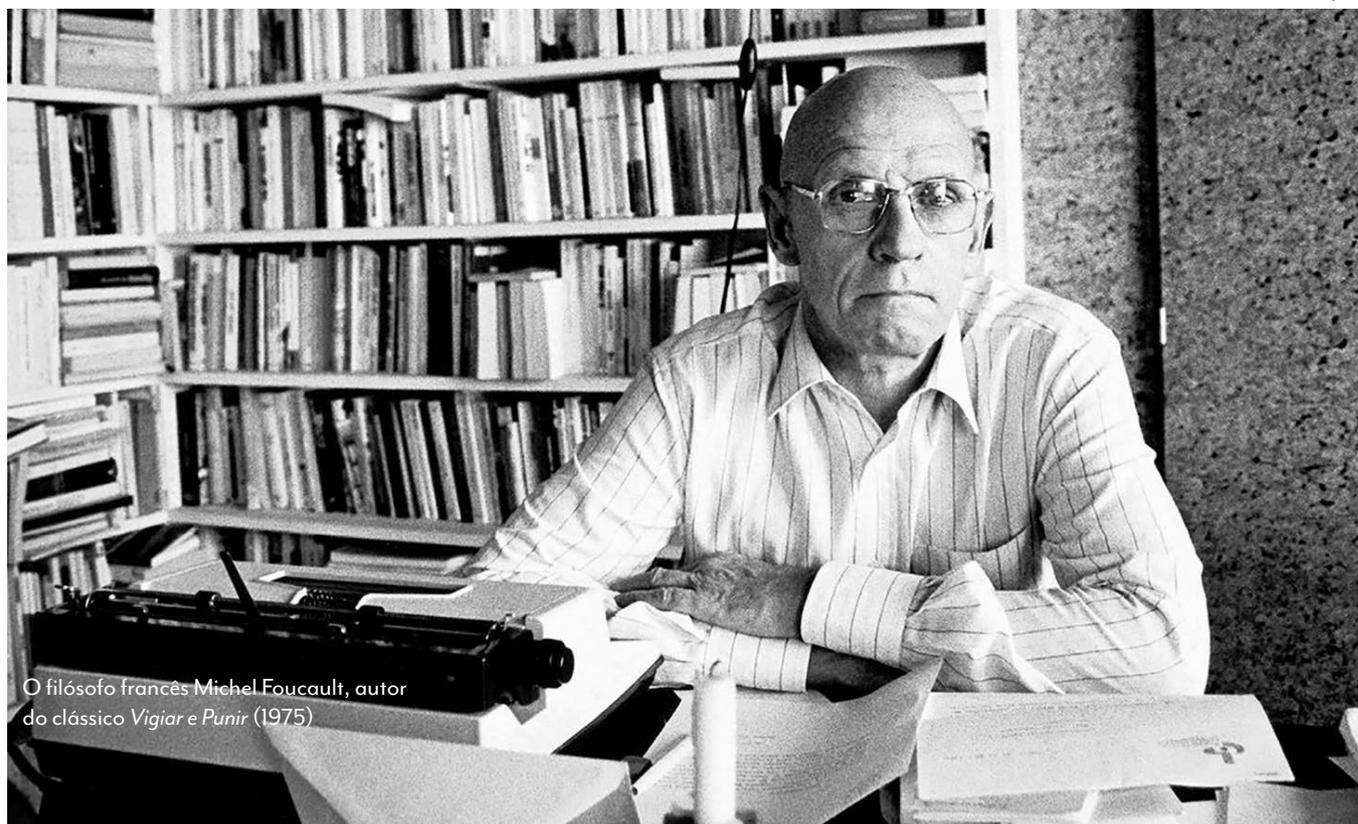
O fato é que essas estatísticas dão uma ideia mais ou menos vaga da realidade. Se calculam uma média, obviamente existe gente lendo muito mais e gente lendo muito menos. Uma pesquisa mais antiga, de 2013, feita pela World Culture Score (WCS), aponta a Índia como o país que mais lê livros no mundo. A França é o 9º; Estados Unidos, o 23º; e o Reino Unido aparece na 26ª posição, seguido do Brasil, na 27ª.

De volta ao *Guardian*. O diário com sede em Londres tenta equilibrar ficção e não ficção, alta lite-



DIVULGAÇÃO

Luiz Alfredo Garcia-Roza é criador do delegado Espinosa



DIVULGAÇÃO

O filósofo francês Michel Foucault, autor do clássico *Vigiar e Punir* (1975)

DIVULGAÇÃO



Michelle Obama reuniu suas memórias em *Minha História* (2018)

ratura e *best-sellers*, organizando os títulos em categorias como “comédia”, “envolventes”, “realidades alternativas” e “vida moderna”. Assim consegue sugerir romances de escritoras premiadas como Ali Smith (conhecida por suas experimentações formais) e Sally Rooney (uma irlandesa que chamou atenção com o recém-lançado *Pessoas Normais*), o livro de memórias de Michelle Obama (*Minha História*), um ensaio político sobre o governo de Donald Trump (*O Cerco*) e um estudo sobre a emergência climática (*A Terra Inabitável*).

E AQUI, COMO SERIA?

De acordo com a pesquisa Retratos de Leitura, realizada pelo Instituto Pró-Livro, um leitor no Brasil é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos um livro nos últimos três meses. E por “livro” eles consideraram tudo: de obras didáticas até a *Bíblia*. Vale lembrar que a *Bíblia* foi o livro mais citado pelos entrevistados e que bastava a pessoa ter lido um salmo nos últimos 90 dias para ser considerada leitora. O percentual de 56% de leitores que o Brasil tem, na prática, deve ser bem menor. E tenha em mente que uma pessoa religiosa pode passar a vida lendo a *Bíblia* sem se interessar por outros livros — isso significa que ela se interessa pela *Bíblia* e não por literatura. Para o mercado livreiro, esses dados não dizem muito.

De resto, as leituras de verão não são muito difundidas no Brasil (quantas pessoas você vê carregando livros na praia? Ou em viagens de ônibus e de avião?). Porém, o país de Machado de Assis lê só um pouquinho menos do que o de Shakespeare: são 5h18 contra 5h12 por semana, segundo aquela pesquisa da WCS. E está atrás dos conterrâneos de Balzac (6h54 por semana) e dos de Hemingway (5h42). Essas horas consideram apenas o tempo gasto com livros.

Ao elaborar uma lista possível de leituras de verão, o **Cândido** optou por seguir a lógica inglesa, com um pouco de tudo: óbvios e não tão óbvios, ficção e não ficção, estrangeiros e brasileiros.

É uma seleção com autores e livros publicados no Brasil nos últimos seis meses de 2018. Não é de maneira nenhuma uma lista definitiva, mas sim um ponto de partida para leituras instigantes. São seis títulos que abarcam escritores premiados, temas controversos, figuras históricas, a vida e a morte.

CAPA

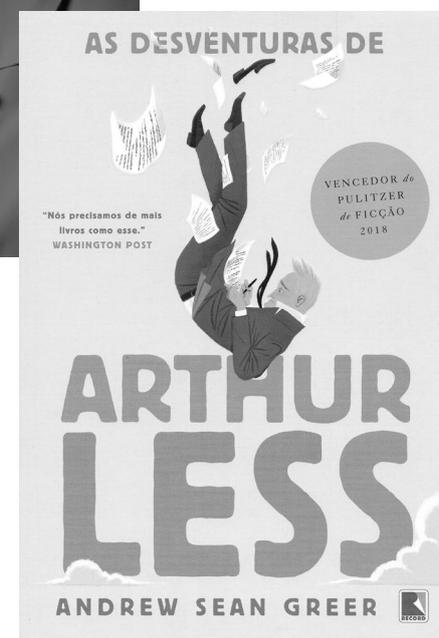
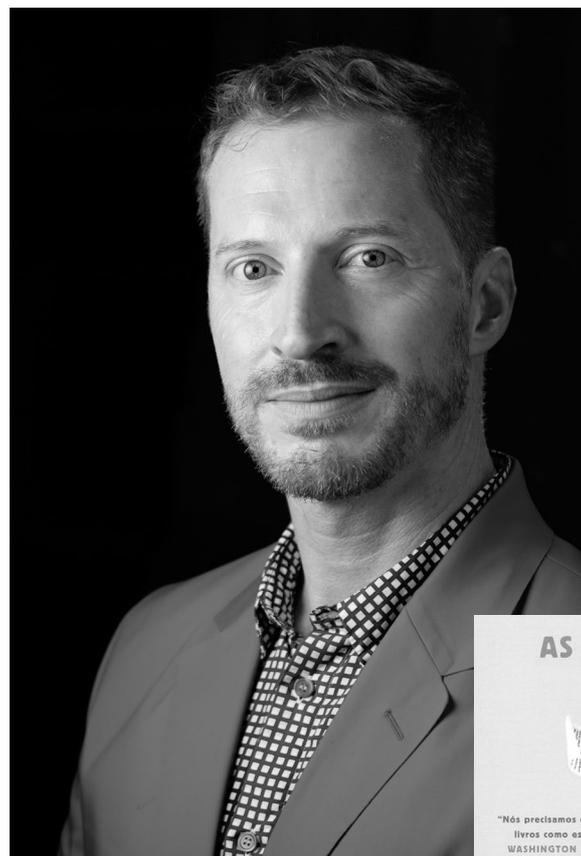
UMA VIDA DE AVENTURAS

As Desventuras de Arthur Less, de Andrew Sean Greer. Tradução de Márcio El-Jaick. Record, 252 páginas. R\$ 49,90. Romance.

Este é um daqueles livros que fazem a gente se sentir um pouco menos sozinho, um pouco mais humano. A princípio, você pode não ter muita coisa ou mesmo nada em comum com Arthur Less, o protagonista da história, um escritor gay branco prestes a completar 50 anos que está lidando muito mal com o fato de envelhecer, estar sozinho e, sobretudo, ter sido convidado para o casamento de seu ex-namorado, Freddy, nove anos mais novo. Para evitar a cerimônia a todo custo, ele aceita vários convites que recebeu, alguns bastante estranhos, que devem render uma espécie de volta ao mundo, com paradas que incluem a Itália, a Índia e o Japão. Você pensa que não tem nada em comum com Less, mas aos poucos vai entendendo que os medos, inseguranças e patéticos do personagem fazem dele parte de uma espécie em que todos têm seus medos, inseguranças e patéticos. Enquanto rememora os amantes que marcaram sua vida, Less pensa: “Eles [os amantes] podem ter dado para o gasto,

muitos deles. Tanta gente dá para o gasto. Mas, depois que se vive um grande amor, não é possível conviver com o que ‘dá para o gasto’; é pior que conviver consigo mesmo”. De certa forma, Andrew Sean Greer conta uma história sobre amor e a passagem do tempo. Sobre ser capaz de fazer as pazes com a pessoa que você se tornou — algo inevitável para alguém que chegou aos 50 e não quer se tornar amargo —, sobre conseguir rir de uma ou outra desgraça que marcou sua vida. Há ainda um jogo de palavras divertido que o autor faz com o sobrenome do personagem (less, em inglês, significa “menos”) e com que a edição brasileira lida bem ao simular um verbete de dicionário na contracapa do livro. Ao fim, você fica feliz de ter tido a companhia de um homem extraordinário em sua banalidade. Tão imperfeito qualquer outro. Numa bela definição dada por um amigo, Less “tem a sorte de um comediante. Azar nas coisas que não importam. Sorte nas coisas que importam”. O livro de Greer venceu o Prêmio Pulitzer de Ficção 2018, o mais importante dos Estados Unidos.

DIVULGAÇÃO



UM POUCO DE ROMANCE

Pessoas Normais, de Sally Rooney. Tradução de Débora Landsberg. Companhia das Letras, 264 páginas, R\$ 54,90. Romance.

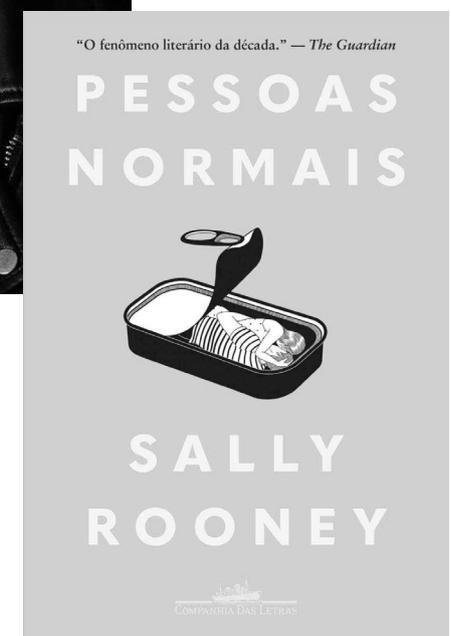
A história começa em janeiro de 2011, termina em fevereiro de 2015 e se concentra na relação entre Connell e Marianne, dois amigos que se conhecem na escola e estão prestes a entrar na universidade. Na verdade, eles começam como amigos, depois viram amantes (quer dizer que dormem juntos algumas vezes — é estranho usar a palavra “amantes” com pessoas tão novas), rompem e passam a alternar essas duas condições. Não se trata exatamente de uma amizade colorida porque a relação é mais confusa do que isso. Em algum momento, você pode até se irritar com as dificuldades que os dois criam para si próprios, mas tenha em mente que, para algumas pessoas (normais ou não), lidar com sentimentos não é fácil. A autora tem uma maneira peculiar de narrar a história, fazendo os personagens falarem sem o uso de aspas nem de travessões. Como neste trecho:

O que você quer que eu faça? Que te deixe em paz? Ele olhou para ela, aparentemente assustado com essa reviravolta na discussão. Balançando a cabeça, ele disse: Se você fizesse isso... Ela olhou para ele, mas não falou mais nada. Se eu fizesse isso, e daí?, ela disse. Sei lá. Quer dizer, se você não quiser mais que a gente saia juntos? Eu ficaria surpreso, sinceramente, porque tenho a impressão de que você curte.

O texto é fluido e sua simplicidade é só aparente. Há nele uma intensidade das experiências vividas pela primeira vez. Os personagens de Sally Rooney lembram os de John Green (*A Culpa é das Estrelas*), só que um pouco mais velhos e, por isso, com mais acesso a festas, bebidas e sexo. O texto dela, porém, é mais elaborado do que o dele. Ainda assim, os dois parecem ter uma compreensão fora do comum sobre o que é ser jovem e os tropeços a que todo mundo está sujeito ao amadurecer. Nascida em 1991, Rooney, assim como seus personagens, também entrou na vida adulta nos anos 2010.

Sobre a importância dos amigos, ela escreve: “[Marianne] sentia-se feliz por estar cercada de gente de que gostava, que gostava dela. Sabia que se quisesse falar, todo mundo provavelmente se viraria e escutaria com genuíno interesse, e isso também a alegrava, embora não tivesse absolutamente nada para falar”. Sobre *bullying*: “Você não aprende nada muito profundo simplesmente sofrendo *bullying*; mas ao fazer *bullying* com alguém, você aprende algo de que nunca vai conseguir esquecer”. Em outro momento, Marianne pensa em Connell e diz para si mesma: “As pessoas são muito mais conhecíveis do que imaginam ser”. Talvez essa seja a melhor frase do livro. *Pessoas Normais* pode funcionar como boa literatura jovem, mas é também boa literatura, ponto.

DIVULGAÇÃO



CAPA

UM DRAMA DOLOROSO

Crocodilo, de Javier A. Contreras.
Companhia das Letras, 184 páginas, R\$ 64,90. Romance.

Apesar do nome estrangeiro, dado pelos pais chilenos que se exilaram no Brasil nos anos 1970, Javier Arancibia Contreras é brasileiro e um escritor de talento fora do comum. A princípio, *Crocodilo* parece difícil por causa do tema: um pai tem de lidar com o suicídio do filho. Ruy, o pai, já é septuagenário e seu filho morreu com 28 anos, saltando da janela de seu apartamento no 11º andar de um prédio numa rua pequena e bonita, perdida no meio de uma cidade grande. A morte de Pedro serve como ponto de partida e *Crocodilo* é triste, sim, mas de um jeito resiliente.

Em conversa com um amigo, Ruy diz: “Qual é a definição de um pai que perde o filho?”. O amigo não entende a pergunta direito. “A definição. O vocábulo. O léxico...”, emenda Ruy. O amigo dá de ombros. “O órfão perdeu o pai ou a mãe ou ambos. O viúvo perdeu a esposa ou vice-versa. Também tem o ‘ex’. Ex-marido, ex-namorada...”, diz Ruy. Então o amigo arrisca dizer: “Órfão de filhos?”. Ruy ergue a voz: “Não existe! É uma espécie de tabu social e linguístico”. A conversa continua e Ruy vai ainda mais fundo, argumentando que o pai de um filho único que morre deixa de ser pai. “Eu, neste momento, não sou mais pai de ninguém. A morte do Pedro significa também a minha morte como pai...”

Ruy é jornalista e, para tentar entender os motivos do filho, começa uma investigação, falando com pessoas próximas de Pedro.

A certa altura do romance, surge uma lista de muitas páginas com nomes de pessoas famosas que se suicidaram e com os métodos que usaram (uma lista talvez feita por Ruy, no processo de lidar com a perda). O assunto é tão controverso que pouco se fala, por exemplo, que Santos Dumont se suicidou (ele se enforcou com uma gravata em um hotel no Guarujá).

A força de *Crocodilo* está na segurança com que Contreras nos conduz pela notícia da morte, o mal-estar decorrente dela, o luto e, por fim, a vida que resta para quem fica. Que não é pouca.



UMA HISTÓRIA DE GUERRA

Churchill & Orwell — A Luta pela Liberdade, de Thomas E. Ricks. Tradução de Rodrigo Lacerda. Zahar, 352 páginas, R\$ 69,90. História.

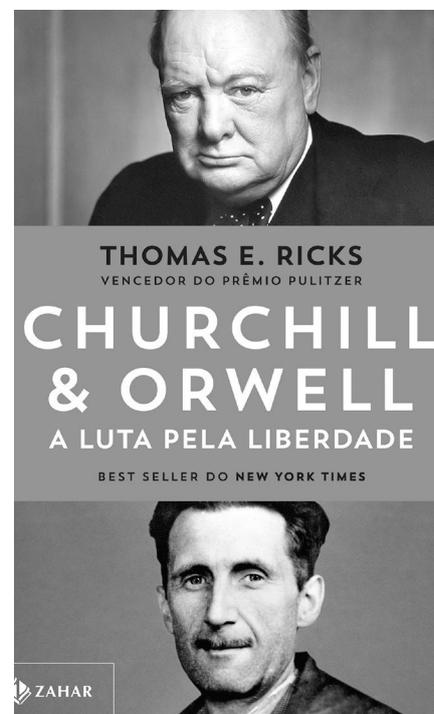
Talvez seja um exercício despropositado de imaginação, mas é bem provável que não estivéssemos aqui, trocando uma ideia sobre livros, se em 1939 um senhor atarracado que consumia charutos e uísque demais, de nome Winston Churchill, não tivesse se recusado a negociar com o tigre quando estava com a cabeça dentro da boca do animal (a metáfora se refere à ideia de fazer um acordo de paz com Hitler, defendida por alguns adversários políticos de Churchill). O primeiro-ministro britânico entendeu a ameaça nazista muitos antes da maioria e animou o país a resistir a todo custo, entre 1939 e 1941, quando enfim os Estados Unidos foram arrastados para dentro da

Segunda Guerra Mundial pelo ataque japonês a Pearl Harbor. Um dos argumentos defendidos por Thomas E. Ricks, e com uma elegância que torna o texto irresistível, é que se não fosse a resistência inglesa (e alguns erros de cálculo de Hitler), os americanos teriam chegado tarde demais e os alemães, vencido a guerra.

Nessa época, o escritor George Orwell ainda não era ninguém e ralava muito para ganhar seu sustento e escrever os romances que tinha em mente. Dois desses livros acabaram marcando o século 20 de maneira definitiva: *1984* e *A Revolução dos Bichos*. Por meio da obra de Orwell, conseguimos entender outras ameaças à liberdade e ver como sua ficção é assustadoramente premonitória (quando imagina, por exemplo, um estado capaz de monitorar a intimidade das pessoas).

O paralelo entre Churchill e Orwell não é nada óbvio no começo, mas vai funcionando à medida que o autor expõe seu ponto de vista. Em termos políticos, eles eram opostos: o primeiro pode ser descrito como um conservador cheio de privilégios e apegado à glória do império britânico, o segundo deu as costas para esse mundo de privilégios a fim de viver e entender as agruras dos menos favorecidos.

Um dos pontos de contato entre os dois se dá quando Ricks destaca as anotações que Orwell fazia em seu diário comentando de modo favorável algumas decisões tomadas por Churchill. Eram bons tempos em que dois homens que não poderiam ser mais diferentes, com interesses políticos distintos, ainda conseguiam encontrar um território de ideias e valores em comum, que para eles valia a pena ser defendido — é o que Ricks chama de *liberdade*.



UMA CONVERSA SOBRE RACISMO

Pequeno Manual Antirracista, de Djamila Ribeiro. Companhia das Letras, 136 páginas, R\$ 24,90. Ensaio.

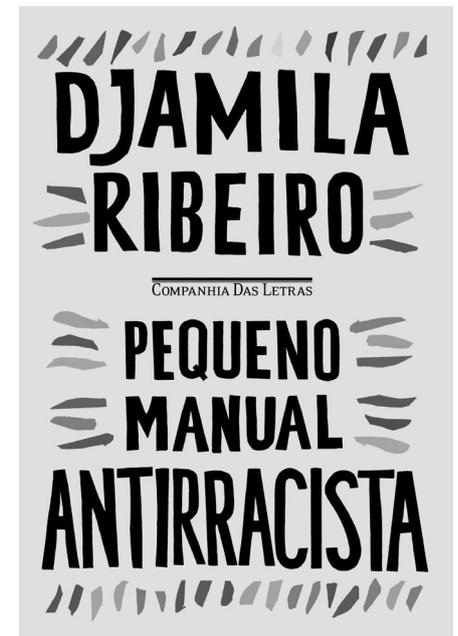
Este livro é pequeno, porque cabe no bolso, mas também é grande nos problemas que enfrenta. Para começar, a autora Djamila Ribeiro é de uma clareza impressionante: “O que está em questão não é um posicionamento moral, individual, mas um problema estrutural. A questão é: o que você está fazendo ativamente para combater o racismo? Mesmo que uma pessoa pudesse se afirmar como não racista (o que é difícil, ou mesmo impossível, já que se trata de uma estrutura social enraizada), isso não seria suficiente — a inação contribui para perpetuar a opressão”.

Ler o *Pequeno Manual Antirracista* é como ter a chance de conversar com alguém muito bem informada sobre um tema difícil e sair da conversa entendendo um pouco melhor como funciona o racismo de maneira geral e, talvez mais importante, como ele opera no Brasil, um país em que 56% da população se declara negra (dados do IBGE).

O livro está organizado em seis capítulos, começando com “Informe-se sobre o racismo” e terminando com “Apoie políticas educacionais afirmativas”. Apesar de se concentrar no racismo contra pessoas negras, as ferramentas que oferece podem servir para analisar outras formas de discriminação:

Reconhecer o racismo é a melhor forma de combatê-lo. Não tenha medo das palavras “branco”, “negro”, “racismo”, “racista”. Dizer que determinada atitude foi racista é apenas uma forma de caracterizá-la e definir seu sentido e suas implicações. A palavra não pode ser um tabu, pois o racismo está em nós e nas pessoas que amamos — mais grave é não reconhecer e não combater a opressão.

Djamila ganhou notoriedade escrevendo textos em redes sociais e hoje é colunista do jornal *Folha de S.Paulo*. Em 2018, foi considerada uma das cem pessoas negras mais influentes do mundo — uma lista endossada pela Organização das Nações Unidas e composta por personalidades com menos de 40 anos de idade.



UMA COMÉDIA BRASILEIRA

Essa Gente, de Chico Buarque. Companhia das Letras, 200 páginas, R\$ 49,90. Romance.

Na forma, este livro parece ter sido pensado como uma leitura de verão. O tamanho da fonte usada no texto é maior que o normal (diminuindo o esforço de leitura) e a mancha das páginas (a parte impressa) é menor, liberando margens confortáveis para segurar o volume ou mesmo fazer anotações, se você for esse tipo de leitor.

No conteúdo, a proeza de Chico Buarque, vencedor do Prêmio Camões 2019, a ser entregue em abril deste ano pelo Ministério da Cultura de Portugal, é costurar uma série de cartas, notícias e cenas esparsas — todas datadas como se fizessem parte de um diário — de modo que a história vai se revelando aos poucos até culminar em um susto. Quando o leitor se dá conta, está enredado nos problemas do

escritor Manuel Duarte, o autor de *O Eunuco do Paço Real*. Este foi seu primeiro romance e também o mais famoso. Outros 11 se sucederam, mas sem o mesmo êxito. Agora, Duarte tenta concluir um trabalho enquanto lida com as mulheres da sua vida, o filho de 12 anos que o ignora completamente, as dívidas que se acumulam e a vida que passa. A história, sem dúvida, tem como cenário o Brasil atual, mais especificamente o Rio de Janeiro. Diz Duarte:

Visto aqui do alto, o bairro não difere muito de uma favela. A barafunda de edifícios sem telhas lembra um amontoado de caixas de sapato destampadas, numa sapataria revirada em dia de liquidação. Nos seus recintos, porém, durante anos cheguei a ser feliz, casei, tive amantes, comi, bebi, joguei pôquer com amigos, frequentei escritórios, consultórios, papelarias, cabeleireiros, sapatarias e tal.

O tom, ao menos em parte da narrativa, é de reminiscências. E há um presidente que inspira pouca simpatia em Duarte, a ex-mulher que aproveita a mudança da lei para comprar uma arma (uma decisão preocupante vindo de alguém que sofre de depressão), a mesma ex-mulher que planeja ir embora para Portugal para escapar de um ambiente insuportável “para gente de esquerda e intelectuais em geral”, um conhecido que não hesita em chutar um mendigo que teve a ousadia de existir nos arredores de um clube para grã-finos, a juíza federal que dá carteirões de todo tipo... Buarque constrói um paradoxo, uma comédia feita de momentos em que não é fácil rir. Duarte aparece como o protagonista, mas acaba desempenhando o papel de um guia, mostrando absurdos e adversidades de um país deprimente. O sentimento que melhor define *Essa Gente* é o desencanto.



IRINÊO BAPTISTA NETTO é jornalista, tradutor e doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Escreveu para os jornais *Folha de S.Paulo* e *Gazeta do Povo*.

CONTO | SÉRGIO SANT'ANNA

NOITES

A noite é um eclipse, um oásis. A noite pode ser um bálsamo ou um tormento. A noite pode ser cheia de medo ou até terror. A noite do homínido sozinho na caverna enquanto lá fora o vento uiva e há trovões e relâmpagos. A noite da moça nua dormindo sozinha no quarto escuro, recebendo no corpo reflexos multicores que vêm dos luminosos do dancing em frente. A noite desesperada e arfante dos dançarinos drogados ouvindo a música eletrônica que ecoa pelo bairro. A noite de outra mocinha dormindo abraçada com o homem que a conquistou com seu arrojo e paixão. A noite dessa mesma mocinha dormindo entregue, sem saber que um dia esse macho maldito a matará com facadas quando ela quiser deixá-lo. A noite mais sábia das lésbicas. A noite dos que gostam de dormir sozinhos numa escuridão igual a um breu. A noite do insone na escuridão lúgubre do país. Os ruídos não identificáveis na noite lá fora. Noites de sonhos recorrentes, às vezes cheios de medo, do qual se quer livrar, mas o senhor dos sonhos não se deixa conduzir. E os sonhos que a gente sabe que são importantes, mas dos quais não se consegue lembrar. Ou de repente lembra. De todo modo deve-se dormir à noite com um bloquinho de notas ao seu lado, na cama, para anotar os sonhos, contos e poemas. As noites de Edgar Allan Poe escrevendo seus contos de amores necrófagos. Noites dos-toievskianas. São os sonhos um indício da existência de Deus? Também a noite é uma criação de Deus? Os espíritos vagando na noite. A noite do morto enterrado há pouco no caixão: “Onde foram parar todos?”. A noite do homem que se imagina no paraíso. O paraíso é uma praça arborizada no meio da qual passa um riacho murmurante entre pedras. Ali há também um belo casarão em cuja varanda repousa Deus, numa cadeira de vime. Deus, com um leve sorriso meio irônico, oferecendo-se à contemplação dos eleitos. E o diabo, pode aparecer à noite? Sim, como não, e a gente acorda trêmulo, aliviado por voltar à realidade e, por

via das dúvidas, reza uma ave-maria, pedindo proteção. Mas será que existe mesmo uma vida eterna? Existe mesmo Deus? Mas existir Deus não significa que a gente voltará a viver. Mas quem sabe? A noite do homem que tenta se concentrar para se comunicar com a mãe morta há muitos anos, nem que seja num sonho. A noite em que pode aparecer também a mulher amada que o homem conheceu num sonho e ficou perdidamente apaixonado e se mantém à espera de que ela venha visitá-lo de novo. A noite do senhor que dorme só em seu quarto miserável e sem janelas, mas ele sente, dentro de si mesmo, o universo infinito e pensa em como terá se criado essa vastidão incalculável. E sabe que existe nessa vastidão espaços escuros imensos. Existem também buracos negros que podem engolir galáxias inteiras e daí pode se inferir que existe Deus? A noite no exoplaneta K2-18b, orbitando uma estrela anã vermelha, a 111 anos-luz da Terra e no qual podem existir, embora improvavelmente, formas mínimas de vida, os tardígrados. A noite em planetas a bilhões de anos-luz da terra. E a noite dos suicidas? Escolher, puxa vida, não existir durante toda a eternidade? Mas se a morte for natural pode significar que não viver durante todo a eternidade é um pensamento extasiante. A última





e definitiva noite. As noites dos noctâmbulos. A noite na jaula da fera. As noites com nossos monstros. As noites com nossos remorsos. As noites com nossas loucuras. As noites com os nossos demônios. As noites com nossas preces. As noites de tédio. As noigandres. As noites com nossos amores perdidos. As noites cheirando lança-perfume. As noites dos fumadores de ópio. As noites de Baudelaire. As noites de breu total. As noites de delírios de febre. Nossa noite do suicídio. A noite da ressurreição. A noite nos bastidores vazios dos teatros com seus fantasmas. As noites com seus cenários. A noite eufórica. A noite da morte. A noite com medo. As noites de desesperança absoluta. A noite do crime de Agatha. A noite de sono com um livro aberto no peito. A noite de chuva lá fora, ah, que bom! A noite dos enfermos querendo desencarnar. A noite de escombros psíquicos. A noite do inconsciente sempre vivo. A noite dos assassinos. A longa noite de tortura. A noite surrealista. As noites dos sonhos esquecidos para sempre. A noite negra com a mulher negra. A noite de lágrimas não confortadas. A noite da morte do pai. A noite da escrita febril. A noite da escrita abortada. A noite desesperada. A noite abençoada. As mil e uma noites. ■

SÉRGIO SANT'ANNA é autor dos livros de contos *Anjo Noturno* (2017), *O Conto Zero* (2016), *O Homem-Mulher* (2014), entre outros. Além disso, já transitou pelo romance, poesia e teatro. Em meio século de vida literária, venceu quatro vezes o Prêmio Jabuti, três vezes o APCA e uma vez o prêmio da Biblioteca Nacional.

CENA LITERÁRIA

QUESTÃO DE GÊNERO (MAS NÃO SÓ)

A partir de depoimentos de algumas das mais atuantes editoras do país, a poeta e curadora Marília Kubota traça um breve painel da participação feminina à frente de publicações literárias

Para mulheres que editam, coeditam ou editaram publicações literárias no Brasil, a questão econômica vem antes da questão de gênero. A igualdade de gênero e abertura de espaço para mulheres aparecem recentemente — mais tímida a partir dos anos 2000 e mais politizada nos últimos anos. Mas um fato não pode ser apagado: sempre houve mulheres à frente de revistas, jornais, fanzines e dedicados à literatura.

Criada por Jurema Barreto de Souza e Terezinha Sávio, em 1982, em Santo André (SP), sob forma de fanzine, *A Cigarra* era rodada em mimeógrafo, forma de reprodução que deu fama à Literatura Marginal, movimento de poesia dos anos 1970 que buscava divulgar autores marginalizados pelo mercado. Em 1994, o zine tornou-se revista, chegando a ter 500 correspondentes em todo o Brasil. As edições sempre foram modestas, entre 1,5 mil e 2 mil exemplares, com 42 números impressos publicados até 2007. Diante da necessidade

de emergir no meio literário, a questão de gênero parecia secundária.

No mesmo espírito, a poeta Leila Miccolis criou, com o companheiro Urhacy Faustino, o jornal *Blocos*, em 1991, no Rio de Janeiro, minitabloide impresso de 12 páginas, com tiragem de mil exemplares e periodicidade mensal. O casal bancava todas as despesas de edição e impressão e envio. Depois de cinco anos, a publicação se tornou *online*.

O *Blocos* virou, também, uma editora, e Leila foi das poucas mulheres a editar livros no país durante algum tempo. Na época, sentiu que as mulheres recebiam um tratamento diferente das gráficas: “Como Urhacy já tinha experiência na área e as gráficas (pelo menos as do Rio) não gostavam de ter contato com mulheres (algumas se negavam a lidar conosco), dividimos a tarefa para trabalhar mais à vontade: ele ficava com o contato com a gráfica, programação e diagramação, e eu com os contatos com autores, leitura, seleção de textos e copidesque. Revisão e a di-



vulgação eram feitas por mim e pela Mônica Banderas (até hoje é assim)”.

Na era das revistas digitais, a *Revista Pessoa*, criada por Mirna Queiróz em 2010, é uma das que têm tido maior repercussão do meio literário. O fato de sua editora ser uma

BÁRBARA SCARAMBONE



mulher não significa necessariamente que há maior envio ou seleção de trabalhos de autoras. Mas algumas desproporcionalidades são corrigidas. Na página de autores publicados ainda há mais homens (236) do que mulheres (171). Na seção Arca, de livros no prelo, há 19 mulheres e 26 homens.

Apesar da desvantagem feminina, Mirna assegura que a revista se preocupa com a paridade e representatividade e aponta um dos motivos para esta desvantagem: “Não publicamos textos porque foram escritos por mulheres. A seleção baseia-se em pesquisa, no trabalho afinado de curadoria — atualmente formada por mulheres. Falha porque esbarra na questão financeira. Não há equipe fixa, uma redação, *scouts* em campo. Houve períodos em que a revista teve no time de colaboradores, principalmente colunistas, mais mulheres que homens. Isso flutua. É preciso considerar o contexto social, no qual escritoras têm intensa jornada de trabalho, conciliam carreira com maternidade e estudos. Nem sempre têm disponibilidade para escrever especialmente para a revista”.

DESENCORAJAMENTO

Já a escritora Divanize Carbonieri, uma das três editoras ativas da revista *Ruído Manifesto*, criada em 2017 por Rodivaldo Ribeiro, diz que os editores (há mais três homens) têm preocupação de manter a representatividade de gênero para haver equilíbrio. Um dado importante é que, segundo ela, os homens jovens são os que mais se encorajam a enviar colaborações. “Os homens ainda têm mais autoconfiança como escritores. Mulheres escrevem, mas têm dificuldade de se reconhecerem como escritoras. É uma conquista quando diz: sou escritora.”

O desencorajamento das mulheres tem a ver com redes estabelecidas por homens. Segundo um estudo da professora Regina Dalcastagnè, da Universidade de Brasília (UnB), o perfil do escritor brasileiro (roman-

cista) se manteve quase inalterável por 49 anos (1965–2014). Homem, branco, de classe média, morador do eixo Rio–São Paulo. Neste período, houve um avanço de 12% a mais de escritoras no país.

“Os homens têm mais fácil o reconhecimento de outros homens, têm mais redes estabelecidas, um apoia o outro. Nós, mulheres, ainda estamos criando as nossas. Há poucas revistas que só publicam mulheres. E uma maneira de aumentar a divulgação de autoras é ter mais editoras mulheres e mulheres escrevendo sobre obras de mulheres, resenhas, ensaios”, opina Divanize.

Para a poeta Virna Teixeira, que mora em Londres, a criação de sua pequena editora, a Carnival Press, e da revista *Theodora* foram gestos de ruptura com um mercado editorial (o brasileiro) bastante masculino. “A *Theodora* não publica apenas mulheres, também quero dar visibilidade a autores da comunidade LGBT. Faço a minha parte, publico e incentivo autoras. Como tradutora, tenho privilegiado mais o trabalho de autoras, de poetas e contistas.”

A poeta cita como exemplo de invisibilidade do trabalho de editoras um painel de revistas na bienal do Ceará realizado em 2019, em que mais de 90% dos convidados eram editores homens. “Quando contestei o curador do painel, ele afirmou que praticamente não há mulheres editando revistas, o que é uma inverdade.” De fato: em agosto de 2018, o coletivo feminista Mulherio das Letras fez um mapeamento informal de revistas editadas e coeditadas por mulheres e este número chegou a quase 50 veículos — entre sites, publicações digitais e tabloides em atuação.

Leila Andrade, do site *Diversos Afins*, criado em 2006 na Bahia, já detectou uma mudança: “As mulheres estão em evidência agora, diluindo esse cenário já construído como posição privilegiada do masculino. O ritmo é considerável. Observo que, nos eventos literários, cada vez mais, é notável a força da presença feminina, ela vem como um sopro, como um grito, como a consagração de um espaço natural que lhe pertence”, afirma. ■

MARILIA KUBOTA é jornalista e poeta, autora de *Diário da Vertigem* (2015), *micropolis* (2014), *Esperando as Bárbaras* (2012) e curadora das antologias *Um Girassol nos teus Cabelos—Poemas para Marielle Franco* (2018), *Blasfêmicas: Mulheres de Palavra* (2016) e *Retratos Japoneses no Brasil* (2010).

POEMA | IEV GUËNI IEV TUCHENKO

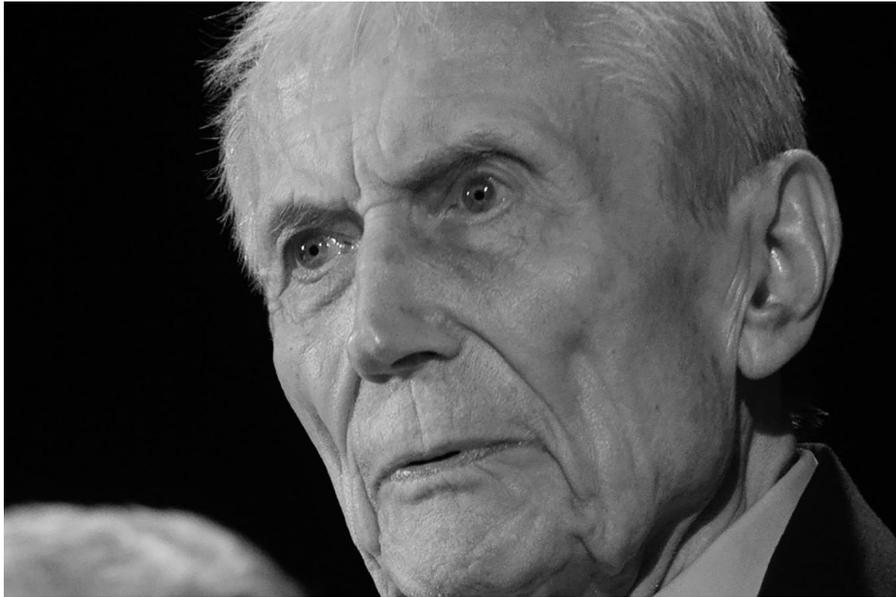
TRADUÇÃO: ANDRÉ ROSA

EU GOSTARIA

Eu gostaria de
 nascer
 em todos os países,
 sem passaportes,
 para o pânico do pobre MID¹;
 ser um peixe
 em todos os oceanos
 e um cachorro em todas
 as ruas do mundo.
 Eu não quero me inclinar
 ante quaisquer deuses,
 nem quero brincar de ser
 um hippie da igreja ortodoxa,
 mas eu gostaria de nadar
 fundo-fundo no Baikal,
 e sair, fungando,
 à superfície
 no Mississippi.
 Eu gostaria de
 — em meu amado e odiado
 universo —
 ser uma bardana solitária
 e não um goivo bem cuidado.
 Uma criatura de Deus qualquer,
 ainda que a última das hienas sarnentas,
 mas de forma alguma um tirano,
 nem mesmo o gatinho de um tirano.
 Eu gostaria de ser
 uma pessoa em qualquer *hipóstase*:
 ainda que sob tortura em uma prisão guatemalteca,
 ainda que sem-teto em uma favela de Hong Kong,
 ainda que um esqueleto-vivo em Bangladesh,
 ainda que um paupérrimo louco-por-cristo em Lhasa
 ainda que um negro na Cidade do Cabo.
 Eu gostaria de me deitar
 sobre as facas de todos os cirurgiões do mundo,
 ser corcunda, cego,
experimentar todas as doenças, todas as feridas,

¹ Sigla de Министерство Иностранных Дел (Ministério de assuntos exteriores).

deformidades,
 ser um amputado de guerra,
 um catador de guimbas sujas, —
 para que não se crie em mim
 o micróbio da superioridade.
 Eu não quero ser da elite,
 e, claro, também não do rebanho dos covardes,
 nem o cão de guarda desse rebanho,
 nem dos pastores,
 para um rebanho agradável;
 eu gostaria de ter felicidade,
 mas não às custas dos infelizes,
 eu gostaria de ter liberdade,
 mas não às custas dos aprisionados.
 Eu gostaria de amar
 todas as mulheres do mundo,
 e gostaria de ser mulher —
 pelo menos uma vez...
 Mãe-Natureza,
 os homens foram diminuídos por ti,
 por que a maternidade
 não foi dada aos homens?
 Se uma criança desse
 batidinhas
 sob seu coração
 o homem talvez não fosse
 cruel.
 Eu gostaria de ser o pão de cada dia,
 ainda que uma xícara de arroz
 nas mãos de um vietnamita em lágrimas,
 ainda que um pedaço de cebola
 numa prisão do Haiti,
 um vinho barato
 numa *trattoria* de trabalhadores napolitanos
 ou mesmo um minúsculo pedaço de queijo
 na órbita lunar:
 Que me comam,
 que bebam,
 de modo que haja utilidade
 em minha morte.
 Eu gostaria de estar em todas as eras,
 iria então desconcertar toda a História
 para deixá-la atordoada,
 para ser impertinente com ela:
 Cortar a gaiola de Pugatchóv
 numa Rússia permeada por Gavroche,



DIVULGAÇÃO

trazer Nefertiti
na troika de Púchkin em Mikhailovski.
Eu gostaria de aumentar
o espaço de um instante
em cem vezes
para então, nesse momento,
beber com os pescadores do Rio Lena,
beijar no Beirute,
dançar sob o tantã na Guiné,
fazer greve na Renault,
correr atrás da bola com os meninos em Copacabana.
Eu gostaria de ser todas as línguas,
como águas secretas sob a terra.
Exercer todas as profissões simultaneamente.
E então haveria
um Ievtuchenko que fosse apenas poeta,
um segundo que fosse guerrilheiro,
um terceiro, estudante da Berkeley,
e um quarto, cunhador de Tbilisi.
Bem, e um quinto:
professor entre as crianças esquimós,
no Alasca;
o sexto,
um jovem presidente,
em algum lugar, digamos, em Serra Leoa;
o sétimo,
estaria ainda sacudindo
um chocalho num carrinho de bebê,
e o décimo...
o centésimo...
o milionésimo...
Para mim, ser eu mesmo é pouco,

eu preciso ser todos!
Toda criatura
foi feita em pares,
mas Deus
economizou no papel carbono
e me copiou em samizdat
num único exemplar.
Mas eu vou misturar todas as cartas,
confundir Deus!
Eu serei mil
até o último dia
para que de mim a terra zumba,
para que os computadores enlouqueçam
quando o censo mundial se der conta de mim.
Eu gostaria de estar em todas as suas barricadas,
humanidade,
lutar,
estreitar o Pirineus.
E aceitar a fé em nós mesmos,
a grande irmandade humana,
e fazer do meu próprio rosto
o rosto de toda a humanidade.
E quando eu morrer,
barulhento feito um Villon siberiano,
que me enterrem não em terra inglesa
ou italiana,
mas em nossa terra russa
numa colina tranquila,
no verde
onde, pela primeira vez
pude
sentir por todos.

1972

IEVGUÊNI IEVTUCHENKO nasceu em Zimá, na Sibéria, em 1932. Publicou seu primeiro livro, *Os Exploradores do Futuro*, em 1952. Ficou conhecido por suas manifestações públicas e saraus poéticos, chegando a declamar seus versos no antigo Estádio Central Lênin de Moscou para um público de mais de 100 mil pessoas. O poema publicado pelo Cándido, traduzido diretamente do russo, dialoga com Maiakóvski (“Versos Sobre o Passaporte Soviético”) e com o norte-americano Walt Whitman (“Canção Sobre Mim Mesmo”). Ievtuchenko morreu em 2017, nos Estados Unidos, aos 84 anos de idade.

ANDRÉ ROSA é escritor, tradutor e pesquisador na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Colaborou na *Revista Brasileira* (Academia Brasileira de Letras), *Le Monde Diplomatique* e *Folha de S.Paulo*. Traduziu poetas de língua russa como Vera Inber, Aleksánder Blok e Nikolai Assiéiev.

CONTO | MARIA FERNANDA ELIAS MAGLIO

SÃO PAULO

— Tá doce?
— Bem docinho, pode provar.
— Não, só de ver a boca pinica, tenho afta desde novinha.
— Não quer levar? Um por seis, dois por dez.
— É, eu tenho afta mesmo, começou de criança.
— Trabalha por aqui?
— Ali naquele prédio.
— Babá?
— É, mais ou menos babá. A patroa tem dois meninos, de cinco e de sete, eu fico com eles antes da escola.
— Registrada?
— Ela falou que me registra mês que vem, sem falta. Você trabalha aqui?
— De quinta eu fico nessa esquina, porque tem o movimento do culto, aquilo ali é uma igreja, sabia?
— Sabia não.
— O povo sai seco por um abacaxi, ainda mais nesse calor. Hoje vou vender quase tudo, se Deus quiser, garanto o leite das crianças. Você tem filho?
— Sou casada não, moço. Queria estudar, terminar escola, fazer curso de enfermeira.
— Faz bem.
— Deixa eu ir que o Pirituba tá chegando, se perder esse, só daqui uma hora.

*

— O bagulho tá sinistro. Os polícia que nem perdigueiro atrás de nós, vão chegar esculachando.
— Fica na paz, Estopa, vâmo manter a atividade, suave. Daqui a pouco os cara esquece, arreventa um cativo, descobre refinaria. Viu que mataram uma grá-

vida na Rebouças? Deu na televisão, estouraram a cabeça, dava pra ver até os miolo tudo pregado no banco do carro. Cabuloso, mano, cabuloso.

— Porra, Café, tu é muito mole, é por isso que nosso negócio não vai pra frente. Parece veado, mano, medo de sangue, de miolo. Tem que sentar o dedo sem dó, se não é eles, é nós.

— Sei lá, Estopa, matar não é pra mim não. Vender pó, saidinha de banco, tudo suave. Mas não nasci pra matar não, tenho dó, penso na minha mãe.

— Tu é um bundão, Café, não vai subir na vida nunca, tua mulher nunca vai botar silicone nos peito, tu não vai ter carrão, casa com churrasqueira. Vai por mim, Café, negócio que dá dinheiro é matar, passar ce-rol geral, sem dó. Quem tem pena é galinha, bagulho aqui é lôco.

*

— Vai passar clarinho?
— Não, Dirce, hoje vou de vermelho.
— Tem festa, é?
— Casamento da minha cunhada, lembra que eu te falei, é sábado agora.
— É mesmo, tu é madrinha, né?
— Nem me fala, vontade ter um piriri bem no dia, se bem que piriri não, era melhor hospital, internação, cirurgia, coisa de cancelar o casamento. Aí eu queria ver a cara dela. Esse fica bom? Tâmara, não tinha mais esse, né, eu passava quando mocinha, nunca mais tinha visto. Te contei que ela escolheu verde pras madrinhas? Verde, cristo rei, quem é que fica bem de verde. Ainda mais eu que sou branquinha, verde me apaga, fico bem de vermelho, laranja, amarelo, cor solar. Olha essa chuva, Dir-

ce, preciso chegar na Mooca antes das cinco, se chover ferrou. É muita gente nessa cidade, muito carro, hoje a coisa mais fácil é ter carro, parcela em não sei quantas vezes e já sai da concessionária com um golzinho. Ai, acho que não gostei, Dirce, muito apagado. Você se importa de tirar? Vou passar esse aqui, inveja boa, gostei do nome, é mais aberto, mais solar. Rapinho, Dirce, antes de cair essa chuva.

*

— Moço, onde eu acho chia por aqui?
 — Chi o quê?
 — Chia, sementinha, tipo natural, sabe?
 — Ah, se for essas coisas de natural, negócio de orgânico, granola, só no mercadão da Lapa.
 — É longe?
 — Uma andadinha. Desce quatro, vira a esquerda na Guaicurus, você já vai ver o mercado.
 — Lá eu encontro chia, certeza?
 — Certeza, eu não sei não, mas se é coisa natural, diferente, deve ter no mercado.
 — É que eu tô com um sapato que tá me matando, fez até bolha, ó, carne viva. Por acaso o senhor não tem band aid pra vender, não, né?
 — Tenho sim. Aqui tem tudo, moça, band aid, curriculum, xerox, desodorante, chiclete, lixa de unha, zona azul, capa de chuva, só não tem esse negócio aí, como é que chama mesmo, chiva?

*

Ainda não deu tempo de chegar polícia, isolar a área com fita amarela, interditando a rua. Ninguém viu

quem atirou, uns dizem que eram dois caras, uma mulher jura que era um só, pediu um abacaxi e tá. O rapaz do posto de gasolina diz que não foi tá, não foi tá de jeito nenhum, foi tá, tá, tá, três. A atendente da farmácia diz que viu tudo, eram dois, um apertou o gatilho três vezes, mas dois tiros pipocaram, só saiu um, ela sabe dessas coisas, o primo fez curso de tiro em um estande da Vila Prudente. Os carros enfileirados na rua formam uma cobra metálica gigantesca, imóvel. Não fossem as buzinas incessantes, pareceria um animal morto. O homem gordo, de camisa laranja, três botões abertos revelando o pescoço denso e vermelho, fala do trânsito: pode ver, tudo quanto é carro dá uma paradinha pra olhar, é por isso que faz trânsito. A moça de cabelo vermelho concorda, verdade, e ainda buzina, pra que buzinar? Solta a sacola por alguns instantes, está pesada, comprou coisa demais, farinha de berinjela, manteiga ghee, linhaça dourada, chia, óleo de coco. A serpente prateada começa a se mover devagar. Um SUV branco baixa o vidro e olha a cena: um homem estendido sobre a pilha de abacaxis, a cabeça estourada do lado direito, do buraco escorre sangue e uma pasta cor de rosa, os olhos estão abertos, mas não veem o céu de chumbo que afiança tempestade. Daqui a três ou quatro minutos caem as primeiras gotas. A chuva vai enxaguar o sangue dos abacaxis, a moça de cabelo vermelho vai correr de sacola na mão e band aid nos pés, a mulher do SUV branco vai sentar a mão na buzina e as unhas esmaltadas de vermelho não vão reluzir, porque não tem sol nenhum. ■

MARIA FERNANDA ELIAS MAGLIO nasceu em Cajuru (SP), em 1980. Venceu o Prêmio Jabuti pelo seu livro de estreia, *Enfim, Imperatriz* (contos, 2017).

CLIQUEZ EM CURITIBA | RODRIGO CUNHA





RODRIGO CUNHA é natural de Registro (SP) e vive há 18 anos em Colombo, município da Região Metropolitana de Curitiba — onde foi sócio, durante cinco anos, do jornal *Colombo Notícias*. Atualmente é repórter fotográfico da *Tribuna do Paraná*. Segundo ele, as imagens publicadas pelo **Cândido** foram produzidas com a câmera de um celular e fazem parte de uma série que retrata a beleza da capital paranaense.

CRIXAS DIFERENTES TAMANHOS

BRUNO MARAFIGO



ELA APARECEU PARA MIM EM UM SONHO...

BOM...

AGORA JÁ NÃO TENHO CERTEZA...



PORQUE ELA ME CONTOU QUE:

"DEPOIS DE UM TEMPO VIVENDO PRESO NA SOLITÁRIA..."





POEMA | MARCELO MONTENEGRO

DOCUMENTÁRIO

*Numa aldeia devastada do Afeganistão,
um homem, alguns passos adiante
dos seus amigos (que seguem
conversando entre si), dá um depoimento
a uma repórter que o espectador não vê.
Depois, a câmera vai se afastando
em silêncio e, por poucos segundos
antes do fade out, vemos o homem
se juntar novamente aos amigos,
retomar a conversa, o curso de sua vida.
E eu ali, na sala, inconformado,
tentando ouvir (apud Marianne Moore)
“onde alguma coisa se esconde”.
Nas palavras de Paulo Henriques Britto,
“a música impossível do real”.*

MARCELO MONTENEGRO nasceu em São Caetano do Sul (SP), em 1971. Publicou *Forte Apache* (2018), um dos vencedores do Prêmio Alphonse de Guimaraens da Biblioteca Nacional — livro que também reúne, na íntegra, seus dois primeiros trabalhos, *Orfanato Portátil* (2003) e *Garagem Lírica* (2012).

